**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS**

**DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL: JORNALISMO**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**EDUARDA BORGES ALBUQUERQUE PROCÓPIO**

**VIDA A GENTE “VÉVI”**

**LIVRO-REPORTAGEM**

**GOIÂNIA-GOIÁS**

**2023**

**EDUARDA BORGES ALBUQUERQUE PROCÓPIO**

**VIDA A GENTE “VÉVI”**

**LIVRO REPORTAGEM**

Apresentação do Trabalho de Conclusão do

curso de Jornalismo, Livro reportagem “Vida a gente Vévi” sobre a invisibilidade na Sociedade Brasileira Pós-moderna, sob a supervisão da Professora Mestra Maria Carolina Giliolli Goos.

**GOIÂNIA-GOIÁS**

**2023**

Dedico esse trabalho à minha família. Dedico também a todas as pessoas que já amei, amo e ainda vou amar. O amor que sinto pela vida e pelas pessoas foi o que me motivou a escrever o livro e a escolher o tema da invisibilidade social.

**AGRADECIMENTOS**

O livro-reportagem “Vida a gente vévi” não seria possível sem a existência da minha família.

Agradeço ao meu pai, Júlio César, responsável por grande parte do investimento em meu capital intelectual.

Sou grata por todo o cuidado da minha mãe Marinalva, e pelo zelo das minhas tias Júlia Maria e Marivalda.

À minha irmã, Isabela Albuquerque, agradeço pela sua existência que me dá forças todos os dias para me transformar em um ser humano melhor e mais competente.

Ao Fernando, meu melhor amigo, agradeço por todo o apoio emocional.

“A verdadeira vida comunitária é aquela que permite a cada indivíduo relacionar-se com o próximo em termos da relação EU-TU, e não em termos da relação EU-ISTO.”

Martin Buber

**RESUMO**

Este trabalho foi um esforço teórico para a compreensão de um tema que a autora considera muito importante na sociedade contemporânea brasileira: vidas inviabilizadas no contexto pós-pandêmico, examinando diferentes perspectivas teóricas e conceituais relacionadas ao tema. O livro-reportagem em questão atua como um veículo de comunicação jornalística não periódica e que existe como um produto cultural contemporâneo. A temática da invisibilidade social refere-se à condição em que certos grupos ou indivíduos são negligenciados, marginalizados ou não são adequadamente reconhecidos pela sociedade, resultando em sua exclusão e ausência de voz e visibilidade. No presente livro-reportagem que compõe este Trabalho de Conclusão de Curso a autora deixa saltar aos olhos de seus leitores a partir dos recursos presentes no livro-reportagem, notadamente a crônica e histórias de vida que são marcadas pela invisibilidade. Em suma, este livro reportagem sobre invisibilidade social no contexto pós-pandêmico incorpora perspectivas sociológicas, psicossociais, midiáticas e empíricas para fornecer uma compreensão abrangente dos mecanismos, consequências e desafios enfrentados por grupos invisibilizados em um cenário marcado pela crise sanitária global.

**Palavras-chave:** livro-reportagem**,** invisibilidade social, jornalismo, comunicação social, linguagem, narrativa, narrativas de vida, Goiânia.

**ABSTRACT**

This work was a theoretical effort to understand a theme that the author considers very important in contemporary Brazilian society: lives made unfeasible in the post-pandemic context, examining different theoretical and conceptual perspectives related to the theme. The book-report in question acts as a non-periodic journalistic communication vehicle that exists as a contemporary cultural product. The theme of social invisibility refers to the condition in which certain groups or individuals are neglected, marginalized or not adequately recognized by society, resulting in their exclusion and lack of voice and visibility. In the present book-report that composes this Course Completion Work, the author lets her readers' eyes jump from the resources present in the book-report, notably the chronicle and life stories that are marked by invisibility. In short, this reportage book on social invisibility in the post-pandemic context incorporates sociological, psychosocial, media and empirical perspectives to provide a comprehensive understanding of the mechanisms, consequences and challenges faced by invisibilized groups in a scenario marked by the global health crisis. Keywords: book-report, social invisibility, journalism, social communication, language, narrative, life narratives, Goiânia.

**Keywords:** book-report, social invisibility, journalism, social communication, language, narrative, life narratives, Goiânia.

**SUMÁRIO**

**1 INTRODUÇÃO........................................................................................................08**

* 1. Objetivos...............................................................................................................09
     1. Objetivo Geral..................................................................................................09
     2. Objetivos Específicos......................................................................................09

1.2 Justificativa...........................................................................................................09

**2 REFERENCIAL TEÓRICO......................................................................................12**

2.1 Introdução ao Conceito Social de Invisibilidade...................................................12

2.2 O que é Livro-Reportagem...................................................................................13

2.3 O Livro-Reportagem no Brasil..............................................................................14

2.4 Entrevista Humanizada........................................................................................15

**3 DELINEAMENTO DO PRODUTO..........................................................................18**

3.1 Formato................................................................................................................18

3.2 Produto.................................................................................................................18

3.3 Público-Alvo.........................................................................................................18

3.4 Viabilidade e Veiculação......................................................................................18

3.5 Orçamento............................................................................................................18

3.6 Linguagem e Gêneros Textuais...........................................................................18

3.7 Processos de Criação e Edição dos Materiais.....................................................19

3.8 Design..................................................................................................................19

3.9 Diário de Produção...............................................................................................19

3.10 Capa...................................................................................................................21

3.11 Linha de Tempo de Projetos de Capa................................................................22

**4 CONSIDERAÇÕES FINAIS....................................................................................27**

**REFERÊNCIAS..........................................................................................................28**

**1 INTRODUÇÃO**

Este trabalho de conclusão de curso tratou da elaboração de um livro reportagem que buscasse relatar fragmentos de histórias de vida de pessoas que a autora considera invisibilizadas pela sociedade contemporânea brasileira. Com o título “Vida a gente Vévi” foi possível tratar o tema da invisibilidade social por meio de construção de crônicas, entrevistas, perfis e histórias sobre a vida de pessoas marginalizadas socialmente.

A escolha do tema surgiu devido a necessidade que a autora sentiu como jornalista de se integrar ao espaço em que vive. Durante a graduação de jornalismo, percebeu vícios de produção e escrita que a afastaram do propósito jornalístico, que consiste na manutenção do estado democrático de direito. Indiretamente, o curso de comunicação social me distanciou do outro e enrijeceu o tino humanizado que deveria sensibilizar e estimular.

No entanto, foi preciso resgatar a conexão ela mesma, através de personagens pela cidade de Goiânia. Ao longo da experiência acadêmica, pode-se notar que existem três fatores que impulsionam uma boa construção narrativa: a conexão com a própria essência, com o outro e com o espaço que se vive.

Para além do exorcismo dos vícios jornalísticos, esse trabalho é uma ponte de conexão com sua criança interior. Seu livro infantil favorito se chama Pêssego, Pêra, Ameixa no Pomar e abordava personagens clássicos da literatura infanto-juvenil.

Entretanto, o que a encantou no livro além da narrativa, foram os personagens escondidos nas ilustrações. O livro exercitou a leitura juntamente com a capacidade de percepção. Não ironicamente, cresceu e teve que localizar os personagens pela cidade de Goiânia para escrever o “Vida a gente Vévi”. No decorrer do processo criativo, teve a sensação de estar coletando pequenos tesouros pela cidade, como uma vez fez com a leitura de Pêssego, Pêra, Ameixa no Pomar e encontrando os personagens pelas ilustrações.

“Vida a gente Vévi” lhe deixou uma lição: o fato de que pode experenciar na prática como é gratificante se encontrar enquanto se relaciona e lida com os outros. Pessoas não são apenas um construto biológico e social, pessoas são atravessadas por símbolos e sentimentos que compõem uma colcha de retalhos extensa de narrativa mental e que as alimenta pelo resto da vida.

Considera uma bênção da linguagem passear pelas histórias e costurar com os símbolos narrativas tão nobres como as que compõem o livro. Oferece para os leitores do livro-reportagem a oportunidade de vivenciar um “grande encontro” junto com a autora através dos personagens trabalhados nas páginas do “Vida A Gente Vévi”.

* 1. **Objetivos**
     1. **Objetivo Geral**

Produzir um livro-reportagem de crônicas e narrativas de vida sobre a invisibilidade social intensificada no contexto pós-pandemia. Pesquisar e entender em quais contextos pessoas são e tornam invisíveis em nossa sociedade.

* + 1. **Objetivos Específicos**
* Escrever um livro-reportagem que humanizasse pessoas em situação de vulnerabilidade social;
* Exercitar as faces do novo jornalismo e ir além da imprensa conservadora realçando o aspecto humanitário jornalístico;
* Evidenciar a realidade e os sentimentos dos cidadãos à margem da sociedade;
* Praticar a dinamização de pautas jornalísticas e abrir o leque da angulação;
* Abordar o real e exercitar a visão pluridimensional sistêmica do jornalismo ancorado em seus valores;
* Documentar a vida de pessoas em situação de rua no contexto pós-pandemia;
* Explorar, através da visão de autores da área jornalística, as faces do livro-reportagem e desmembrar a necessidade da angulação temática diversificada.

**1.2 Justificativa**

A democracia deve ser fundamentada na liberdade de expressão e na transparência de informações. Dentro da democracia, a função social do jornalista deve ser a de levar a informação para a população da maneira mais clara e objetiva possível. Além disso, um dos princípios da comunicação social é dar voz e visibilidade àqueles que não são devidamente vistos na sociedade.

Por mais que existam diversos materiais sobre invisibilidade social no Brasil e a imprensa tenha o hábito de discorrer sobre o tema, os sistemas de comunicação frequentemente continuam alimentando a desigualdade social através de uma abordagem que se distancia do propósito jornalístico. A imprensa pode atuar como uma facilitadora das desigualdades sociais quando reproduz reportagens que não humanizam o ser humano.

Jessé de Souza (2006), exemplifica muito bem essa prática quando elucida sua experiência ao observar as páginas do jornal O Globo, e notar que “o que é de pobre” tende a ser ridicularizado e que as violências sofridas pelos menos favorecidos são naturalizadas. Enquanto criava o livro “A invisibilidade da desigualdade brasileira”, Souza esbarrou em uma matéria que noticiava um terrível acidente de carro, onde cinco jovens de classe média perderam a vida. A reportagem tomava toda a primeira página do veículo de comunicação. No verso do mesmo jornal, se encontrava a foto de um cadáver morto por afogamento, juntamente com mais dois corpos não identificados, ao redor da lagoa Rodrigo de Freitas, no Rio de Janeiro. Segundo o autor, na foto era possível localizar turistas rindo ao redor dos corpos.

Muitas vezes, a empatia do leitor ou do receptor vem à tona quando a classe social das pessoas citadas nas notícias é elucidada. Mas, se a empatia é seletiva, o exercício de cidadania ativa que o jornalismo deveria proporcionar na sociedade é negligenciado, juntamente com o elitismo tendencioso dos jornais.

No texto “Discurso sobre a origem e fundamentos da desigualdade entre os homens”, Jean-Jacques Rousseau concebe dois tipos de desigualdades na espécie humana: a primeira, Rousseau chama de desigualdade natural ou física. Assim dizendo, desigualdades estabelecidas pela natureza, que consiste nas diferenças das idades; da saúde, das forças corporais e das qualidades do espírito ou da alma.

O segundo tipo de desigualdade citada por Rousseau, é a desigualdade moral ou política, aquela que depende de convenções e geralmente é estabelecida através do consentimento dos homens. Este tipo de desigualdade, se constrói nas diferentes formas de privilégios desfrutados por alguns enquanto o restante vive em prejuízo.

O fator motivador para a criação do livro-reportagem foi a necessidade de desenvolver conhecimento e humanizar pessoas marginalizadas socialmente. O livro-reportagem “Vida a gente Vévi” foi escrito com o intuito de proporcionar um exercício de cidadania ativa na sociedade para que esta compreenda melhor as pessoas em situação de invisibilidade e que possam encontrar elementos de identificação em uma escrita leve, poética, e que foi pensada para aproximar o leitor dos personagens.

A observação, o exercício de um olhar atento, e o amor pelos detalhes foram os pilares que ajudaram o livro a nascer. Através dessas virtudes pude identificar curiosidades e desequilíbrios sociais pela cidade de Goiânia ao conhecer a história do Gilson - pessoa em situação de rua -; Geovana que viveu em situação de pobreza desde criança; o personagem que sentia fome; o Gari Walcy e seu amor pelos discos; o menino com deficiência auditiva que não deixou de se encantar pela vida; a menina Luiza, Juliana e sua vivência como PCD, o Pai-lhaço e o circo encantado.

**2 REFERENCIAL TEÓRICO**

**2.1 Introdução ao Conceito de Invisibilidade Social**

Invisibilidade social é um tema frequentemente abordado nas ciências sociais. Este termo, é utilizado para categorizar uma condição em que certos grupos sociais são ignorados e excluídos pela sociedade. Os grupos de pessoas marginalizadas incluem cidadãos em situação de pobreza, pessoas portadoras de deficiências físicas ou mentais, idosos e imigrantes.

Esta invisibilidade é caracterizada pela falta de reconhecimento das necessidades e direitos desses grupos, bem como pela falta de representatividade em espaços de poder e decisão. Tal mecanismo pode se manifestar de várias formas, como a falta de acesso a serviços básicos como saúde e educação, a exclusão social e a falta de oportunidades de emprego.

O grupo social marginalizado, que Souza (2009) apelida de “ralé” brasileira, enfrenta diariamente o olhar julgador da sociedade que o incrimina por tornar o espaço público menos belo ou feio. Este sujeito, pertence a um lugar que, através do olhar da sociedade, deveria ser considerado bonito, mas que com a presença malquista da “ralé” brasileira, torna-se ruim, sujo, desprezível, marginal ou perigoso (SERAFINO; LUZ, (2021).

No fim da década de 90, a temática de pessoas em situação de vulnerabilidade emergiu como uma questão pública que precisava ser pensada para além da preguiça e da “vagabundagem”. A discussão relativa aos processos de desigualdades sociais que as pessoas em situações de rua ou marginalizadas enfrentam é de suma importância para a manutenção de políticas públicas que vão contribuir na diminuição das invisibilidades e desigualdades.

Além disso, a partir do momento em que os povos invisibilizados passam a afirmar a própria identidade enquanto lutam por seus direitos, colocando em cheque normas sociais que os tornam marginalizados, os grupos minoritários se organizam para construir movimentos sociais, políticos, étnicos, raciais e sexuais que poderão expandir a noção de cidadania dentro da sociedade. Ou seja, pessoas que sofrem invisibilidades devem se organizar para vencer as situações de exclusão e discriminação indo além do discurso e partir para a ação política, que consiste em movimentos de reinvindicação e resistência.

Entretanto, para favorecer a luta das minorias excluídas, a sociedade também deve se atentar à prática de uma democracia representativa, e não apenas política. Pois, enquanto a democracia política tem o seu foco voltado para a maioria, o exercício da democracia participativa privilegia a participação social e política da minoria de maneira palpável dentro dos processos sociais de mobilização.

**2.2 O que é Livro-Reportagem**

De acordo com o Edvaldo Pereira Lima, em Páginas Ampliadas, o livro-reportagem opera como um subsistema do sistema jornalismo. O pano de fundo da interpenetração do livro-reportagem foi construído através da ordem hierárquica, dentro da Teoria Geral dos Sistemas. Esta é uma teoria que estrutura a realidade pelo viés de diversas entidades organizadas, composta por enésimos níveis concatenados em superposições distintas entre si. Cada grau em particular é integrado em um valor de organização e o conjunto das múltiplas entidades ordenadas em um todo único repleto de interligações complementares de maneira multidisciplinar.

Sendo assim, a observação de um sistema - ou seja, corpo complexo constituído entre partes e subpartes integradas em um todo individual, servindo a um preceito que fundamenta determinando pela função primordial que dignifica a qualidade do complexo, função que o distancia dos demais complexos uniformemente anexados ao todo - necessita de uma linguagem ou abordagem que envolve o enfoque tanto no sistema em si quanto sobre seu ambiente.

A prática do livro-reportagem também é híbrida, o que torna o livro-reportagem um subsistema híbrido, pois está diretamente conectado à prática jornalística e ao sistema de editoração. Entretanto, geralmente a estruturação do livro está mais aliada à prática do jornalismo do que com o sistema editorial, pois como veículo de comunicação, atende diretamente a função social jornalística.

[...] é preciso examinar o problema no seu enquadramento geral: informação jornalística como produto da comunicação de massa, comunicação de massa como indústria cultural e indústria cultural como fenômeno da sociedade urbana e industrializada. (MEDINA, 1978, p. 20).

Para Edvaldo Pereira Lima, como um subsistema, a função do livro-reportagem baseia-se, antes de tudo, na capacidade de informar e orientar de maneira profunda acerca dos fatos sociais, episódios factuais, acontecimentos longos (que se arrastam anos a fio), situações, ideias e figuras humanas, de modo a entregar ao leitor uma interpretação da contemporaneidade que poderá situá-lo perante a diversidade de realidades, lhe mostrar o sentido e o significado da sociedade contemporânea.

Na melhor hipótese, o livro-reportagem apresenta-se com aprofundamento igualmente extensivo e intensivo. No primeiro caso, o número e a qualidade dos detalhamentos enriquecem a narrativa para um grau de informação idealmente superior ao dos veículos cotidianos. No segundo, a verticalização solidifica a real compreensão do tema e de sua precisa inserção no contexto contemporâneo (LIMA, 2008, p. 40).

Em síntese, o livro-reportagem atua como um complementador dos periódicos e do jornalismo eletrônico, escapando assim da efemeridade e da superficialidade característica da imprensa cotidiana através da prática e da defesa da angulação temática. O efêmero, muitas vezes, é inevitável, mas a superficialidade da imprensa deve ser combatida sempre que possível pelo jornalista. O livro-reportagem existe no jornalismo como um instrumento que busca contribuir para além do que é efêmero e superficial sem perder o compromisso de traduzir a realidade combinando cultura erudita, cultura popular, cultura de massa, linguagem coloquial e linguagem informal.

**2.3 O Livro-Reportagem no Brasil e no Mundo**

Apesar de pouco explorado no Brasil, o livro-reportagem é um veículo de comunicação jornalística bem conhecido nas comunidades editoriais do mundo ocidental. Segue desempenhando o papel de entregar informações aprofundadas sobre fatos, situações e ideias de relevância social, explorando a sua capacidade de angulação temática.

Segundo Edvaldo Pereira Lima, a prática do livro-reportagem é concentrada na América do Norte e nos países da Europa Ocidental, em lugares como Inglaterra, França, Alemanha, Itália e Espanha. No caso latino-americano, onde o mercado editorial não amadureceu, é plausível encontrar bons exemplos.

No México, David Martín del Campo, parte em busca da redescoberta de realidades de seu país ao escrever Los mares de México: crónicas de la tercera frontera, enquanto na Colômbia, um dos episódios mais controvertidos da guerrilha contemporânea desse país é tratado por Germán Castro Caicedo em El Karina (LIMA, 2008, p. 2).

Para Edvaldo Pereira Lima, já o Brasil, mesmo com as dificuldades ligadas ao mercado editorial, possui livros-reportagem com títulos que agregam enorme valor ao cenário do jornalismo literário brasileiro. Todavia, o livro-reportagem como um objeto de estudo é pouco explorado e não desperta tanto o interesse dos pesquisadores na academia. A literatura acadêmica carece de referências ao livro-reportagem e de análises das manifestações do jornalismo literário ou da comunicação social de maneira geral.

É princípio básico, norteador deste estudo, que o livro-reportagem, em média, no caso do brasileiro, apesar de suas qualidades, deve ser impulsionado para um patamar superior ao que se apresenta no momento, sob pena de não conseguir no futuro próximo, responder à necessidade de abordagem das complexas realidades contemporâneas com ótica mais refinada, precisa, do que vêm fazendo os veículos jornalísticos periódicos (LIMA, 2008, p.5).

**2.4 A Entrevista Humanizada**

Um ser humano, qualquer um, é infinitamente mais complexo e fascinante do que o mais celebrado herói. Mesmo os super, dos quadrinhos e do cinema, pode reparar: o Homem-Aranha só consegue duas horas de filme por causa do atrapalhado do Peter Parker, e até o Super-Homem, que veio de outro planeta, só tem atenção por causa de suas fraquezas bem terráqueas (ou quantas voltas ao redor da Terra ele precisaria dar até todo mundo roncar?). Inclusive demônios como o Hellboy só são interessantes pelo que têm de humano, da ternura ao mau humor (BRUM, 2006, p. 1995).

Segundo Cremilda Medina, no jornalismo a entrevista é utilizada como uma técnica básica para obter respostas. É comum que as perguntas sejam pré-determinadas pelo jornalista antes do encontro com a fonte. No entanto, se encarada como uma simples técnica, a entrevista pode enrijecer a relação do jornalista com o entrevistado e anestesiar a troca.

A entrevista pode ser apenas uma técnica eficaz para obter respostas pré-pautadas por um questionário. Mas certamente não será um braço da comunicação humana, se encarada como simples técnica. Esta - fria nas relações entrevistado-entrevistador - não atinge os limites possíveis da inter-relação, ou, em outras palavras, do diálogo (MEDINA, 2011, p.1).

Ou seja, se o objetivo for atuar através da consciência profissional jornalística, é necessário debater sobre as técnicas de entrevista. No entanto, se o objetivo for operar pela comunicação humana, devemos agir pelo diálogo. Durante a troca, é natural que o leitor, ouvinte ou telespectador sinta cada ponto da entrevista, principalmente quando ela passa emoção, autenticidade, distância ou acolhimento. Tais nuances podem ser percebidas tanto no discurso enunciado pelo entrevistado, quanto através das perguntas realizadas pelo entrevistador. A vivência é capaz de interligar através da identificação as três pessoas envolvidas na dinâmica (fonte de informação, repórter e receptor) e esse fenômeno é o que traz pulso para a reportagem.

Por isso, durante a execução das entrevistas, utilizei também o método de entrevistas do Eduardo Coutinho. Ele foi um exímio cineasta e jornalista brasileiro, conhecido por documentários como Edifício Master, Cabra Marcado para Morrer e Jogo de Cena. Coutinho ficou na memória do cinema nacional como o maior documentarista da história do cinema no Brasil, principalmente por dirigir longas que privilegiam histórias comuns de pessoas comuns.

No entanto, para que Eduardo Coutinho executasse os documentários de modo a sensibilizar o ordinário da rotina dos brasileiro, ele desenvolveu um estilo muito característico que se resumia a ausência de locução, interesse profundo em escavar a vida pessoal, e a devoção na dimensão performática do personagem. Coutinho ficava em silêncio durante as entrevistas e fazia poucas perguntas para que assim o personagem se soltasse da melhor maneira possível.

Tal movimento permite às personagens desenvolver suas visões de mundo, tendo por limite a capacidade de convencimento, com uma intervenção mínima e pontual do diretor, fazendo poucas perguntas e oferecendo tempo suficiente para a liberação de uma fala espontânea e reveladora. (BEZERRA, 2014, p.23).

No filme Theodorico, imperador do sertão (1978), Coutinho e sua equipe acompanham um fazendeiro membro da elite rural brasileira, que se torna um personagem icônico e controverso ao longo da narrativa.

Desse modo, o que torna o longa interessante, é o fato de que Coutinho permitiu que um personagem controverso (e humano) manifestasse de forma clara e direta seus pontos de vistas e opiniões sem cortes e edições finais. O cineasta viabiliza que Theodorico Bezerra se expresse de forma pura e original, sem pressioná-lo com perguntas ou acusações. Fica a critério do espectador entender o personagem como achar melhor. Desse modo, Coutinho testava os limites do público e de si próprio durante a produção dos documentários.

A entrevista é responsável por dar voz àquele que é documentado e estabelecer relações entre entrevistado, entrevistador e espectador. Essas relações são possíveis pois, através desse método, acontece o encontro e contato necessários para que o documentário exista. Esses elementos, no entanto, não ocorrem somente no momento da entrevista, eles são iniciados muito antes, nas etapas de pesquisa e pré-produção (COSTA; ORTIZ; 2017, p.7).

O cineasta focava tanto em seus personagens, que desenvolveu uma maneira única de lidar com a mentira. Coutinho trabalhava com seres humanos, e alguns de seus personagens mentiram durante as filmagens. Ao invés de confrontar as pessoas, Coutinho transformava o personagem no elemento central da narrativa, e acolhia o que era enunciado no momento da gravação.

## 

**3 DELINEAMENTO DO PRODUTO**

**3.1 Formato**

O livro é composto por fonte Arial, tamanho 12, espaçamento 1,5, margem 2 cm – Modelo E-book.

**3.2 Produto**

Livro-reportagem e-book contendo crônicas e relatos de vida com 8 pessoas entre 18 e 50 anos que contam suas histórias.

**3.3 Público-Alvo**

Estudantes de jornalismo e público em geral.

**3.4 Viabilidade e Veiculação**

O livro estará disponível no acervo da biblioteca virtual da PUC-GOIÁS.

**3.5 Orçamento**

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| SERVIÇOS/VALORES | | |
| Revisão gramatical | R$ 150,00 | |
| Diagramação | R$ | 287,00 |
| Edição | R$ | 000,00 |
| Transporte | R$ | 150,00 |
| Total: | R$ 587,00 | |

**3.6 Linguagem e Gêneros Textuais**

Crônicas, diálogos, descrições e observações

**3.7 Diário do Produto**

Para confeccionar as crônicas e os perfis do livro-reportagem dediquei cerca de uma hora em média para cada entrevista e de três a quatro dias de imersão criativa em mim mesma para a confecção dos textos brutos. As pesquisas tiveram a duração de cerca de seis meses, mas a produção teórica durou cerca de um ano e meio juntamente com as orientações.

**3.8 Trecho de Anotações Durante a Produção**

* Quais foram as minhas percepções?

Senti dificuldade em narrar as histórias e relatos. Não porque não soube escrever, mas porque senti que narrar a realidade do outro me expõe também. É como se eu começasse a fazer parte da narrativa também. Notei que existem alguns “ruídos” que muitas vezes não estão certos e nem errados. São sobre a forma com que a pessoa constrói a narrativa no texto.

Aprendi também que o entrevistado não pode se sentir intimidado pelo jornalista. Os relatos de vida geralmente trazem traumas e a entrevista pode mexer nos gatilhos. Por isso, é sempre bom evitar gestos exacerbados e opiniões que podem afastar o entrevistado.”

* 1. **Processos de Criação e Edição dos Materiais**

Para criar o livro-reportagem “Vida a gente Vévi” sobre invisibilidade social precisei utilizar uma abordagem cuidadosa e bem estruturada.

* Definição do tema e escopo: O primeiro passo foi definir claramente o tema principal do livro-reportagem, que neste caso é a invisibilidade social. É importante delimitar o escopo do projeto, ou seja, quais aspectos da invisibilidade social serão abordados e quais grupos ou comunidades serão foco da investigação. A temática deste livro-reportagem surgiu naturalmente ao longo das aulas de livro-reportagem e narrativas de vida. Pois, foi durante a confecção dos textos humanizados e que se conectam com o jornalismo literário que entendi qual seria a pesquisa do meu trabalho de conclusão de curso. Depois que senti que seria sobre invisibilidade social, sentei junto a minha orientadora Carol Goos, e ao longo das orientações fomos definindo quais tipos de invisibilidades seriam retratadas no livro. No entanto, todo o processo acabou sendo muito intuitivo, uma vez que a Carol sempre me deixou à vontade para seguir meu coração (e tino) de repórter e escritora
* Pesquisa: A pesquisa foi parte essencial na criação deste livro-reportagem. A pesquisa englobou coleta de informações, dados e histórias relacionados à invisibilidade social. Ao longo do processo, li o livro “A Vida que Ninguém Vê” da jornalista Eliane Brum e pude me inspirar durante o processo criativo. Tive contato também com o livro-reportagem “Abusado” de Caco Barcellos e assisti diversos documentários sobre invisibilidades sociais, juntamente com algumas reportagens do Globo Repórter.
* Planejamento e estruturação: Com base na pesquisa realizada, pude planejar e estruturar o livro-reportagem. Mesmo antes de ter escrito todas as crônicas e coletado o material, tirei um tempo para fazer um esboço da estrutura do livro e de que maneira a narrativa se construiria.
* Coleta de materiais: Com os possíveis personagens em mente, me organizei para coletar os materiais necessários. Alguns personagens foram surgindo ao longo do meu caminho (literalmente, os encontrei pelas ruas), outros foram planejados e o contato foi mediado por colegas e amigos que conheciam as fontes personagens. Ao longo de toda a coleta, me certifiquei de documentar e registrar todas as informações de maneira adequada. As entrevistas foram gravadas em um celular utilizado apenas para registrar os materiais.
* Produção: Conforme ia coletando os materiais e realizando as entrevistas, entrava em contato com as realidades dos personagens e iniciava o meu processo de imersão e criação. A confecção dos textos durava cerca de quatro dias a uma semana. No decorrer dos dias, eu ouvia as entrevistas várias vezes, ia fazendo anotações e reunindo pontos de inspiração que indicariam a narrativa de cada uma das crônicas.
* Revisão e edição: Depois que concluí todas as oito crônicas, os textos passaram por revisões diversas, tanto minha, quanto da orientadora Carol Goos e de professores que desenvolvi afinidade ao longo do curso, como por exemplo a Silvana Monteiro. A chefe de comunicação dentro da ONG EcomAmor, Jordana Oliveira, também leu o livro e fez suas contribuições relacionadas à revisão do livro.
* Design e formatação: Após finalizar todo o conteúdo, fui atrás de uma empresa de diagramação que pudesse contribuir com toda a parte editorial que envolve o livro. O objetivo, desde o início, era o de criar um produto visualmente agradável, minimalista e com identidade própria.
* Revisão final e diagramação: O serviço de diagramação foi contratado juntamente com o de revisão. A designer Isa Miranda ficou responsável pela diagramação e Walter Cavalcanti cuidou da revisão final do livro.
* **Design e diagramação**

-E-book com diagramação no formato visual de livro;

-Diagramação;

-Fonte: Arial;

-Tamanho: 12;

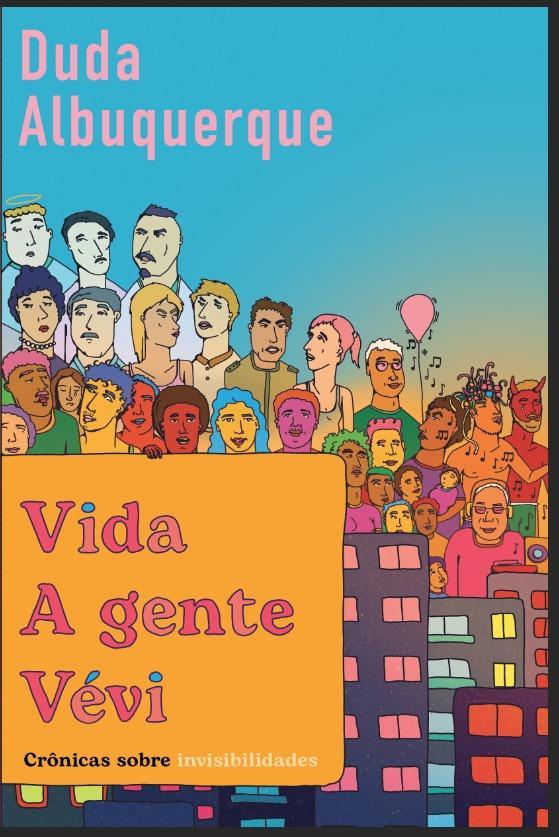
-Espaçamento: 1,5

-Margem: 2 cm

**3.10 Capa**

A primeira ideia de capa, foi estruturada junto com o ilustrador goiano Pedro Amaral, e consistia em um projeto de ilustração colorida que reunia elementos dos personagens e da paisagem goiana distribuídas pela capa. No entanto, acabei abandonando a ilustração ao optar por uma abordagem mais sóbria no projeto de capa. Após a primeira versão do projeto de capa, a designer e diagramadora Isa Miranda fez dois modelos de capa. Mas, ambos não se conectaram com a proposta do livro. Por fim, juntamente com a orientadora Carol Goos que a capa tivesse uma abordagem minimalista e que as fotos que tirei dos personagens fossem utilizadas. Desse modo, chegamos ao modelo final de projeto de capa, que consistia em uma colagem das fotos dos oito personagens do livro, onde o título está escrito em uma fonte fina e delicada. O design foi produzido no Photoshop; a fonte escolhida para o título foi Raleway; a fonte do subtítulo foi Glacial Indifference e Fonte do nome da aluna foi Belleza.

**3.11 Linha do tempo de projetos de capa**

****

## 

## 

**4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É com a sensação de amor no peito que finalizo, por hora, este trabalho. Escrever um livro-reportagem fez com que eu refletisse muito acerca dos caminhos que os jornalistas estão tomando na imprensa. Agradeço muito, novamente, a minha criança interior e ao fôlego que ela me dá até hoje.

Concebo que a principal contribuição desse livro reportagem reside em seu potencial de promover debates e reflexões na sociedade. Ao trazer à tona questões e histórias negligenciadas, ele estimula uma maior conscientização sobre a invisibilidade social e instiga os leitores a questionarem suas próprias perspectivas e preconceitos. Através dessas discussões, é possível fomentar mudanças positivas na forma como percebemos e lidamos com as questões sociais em nosso meio.

Encerro essa pesquisa firme de que os jornalistas precisam exercitar a liberdade de angulação temática do livro-reportagem e contribuir de maneira significativa para o estado democrático de direito. É crucial mencionar também que construir um livro-reportagem sobre invisibilidade social pede uma sensibilidade da parte do jornalista que precisa ser treinada, estimulada e conservada todos os dias ao longo das práticas.

Espero que o meu trabalho seja de grande utilidade pública para a sociedade goiana, e que através da leitura as pessoas possam exercitar a cidadania e a empatia, para se transformarem, assim como eu me transformei, através do exercício da leitura.

Levando em conta as histórias que foram contadas no livro, convido todos os leitores e jornalistas a direcionarem seu olhar para os sujeitos de bom coração, às paçoquinhas, aos DJ’s garis, para assim saciar as pessoas que tem fome de alma e de vida, desconstruindo paradigmas azuis, através de uma pedagogia repleta de diversão e afeto, repercutindo os valores dos Pai-lhaços soltos pelo mundo.

**REFERÊNCIAS**

BEZERRA, Cláudio. **A personagem no documentário de Eduardo Coutinho.** Campinas: Papirus, 2014.

BRUM, Eliane. **A Vida que Ninguém Vê**, 2006.

COSTA, Nathália Rodrigues Moreira Amado. ORTIZ, Pedro Henrique Folco. **Métodos e personagens no documentário de Eduardo Coutinho**, 2017.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas:** o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura, 2009.

MARTINS, José de Souza. **O que é sociologia.** São Paulo: Brasiliense, 2006.

MARTINS, José de Souza. **A invisibilidade da desigualdade brasileira.** Belo Horizonte: UFMG, 2006.

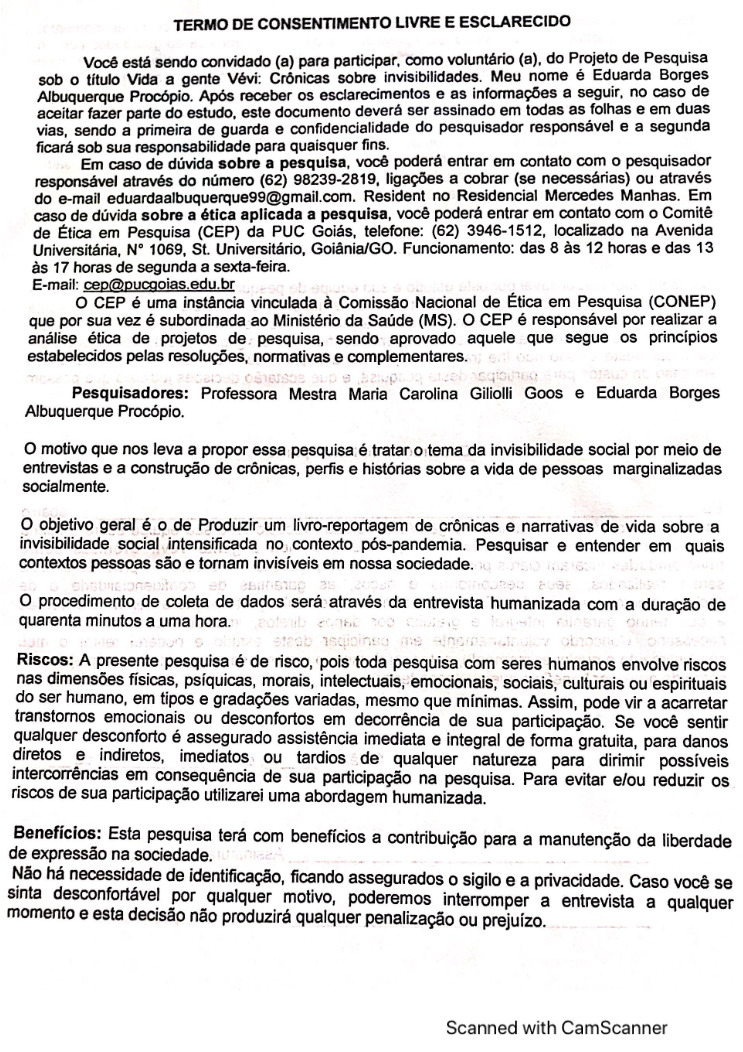
MEDINA, Cremilda. **Notícia:** um produto à venda, São Paulo, Alfa-Omega, 1978, p. 20.

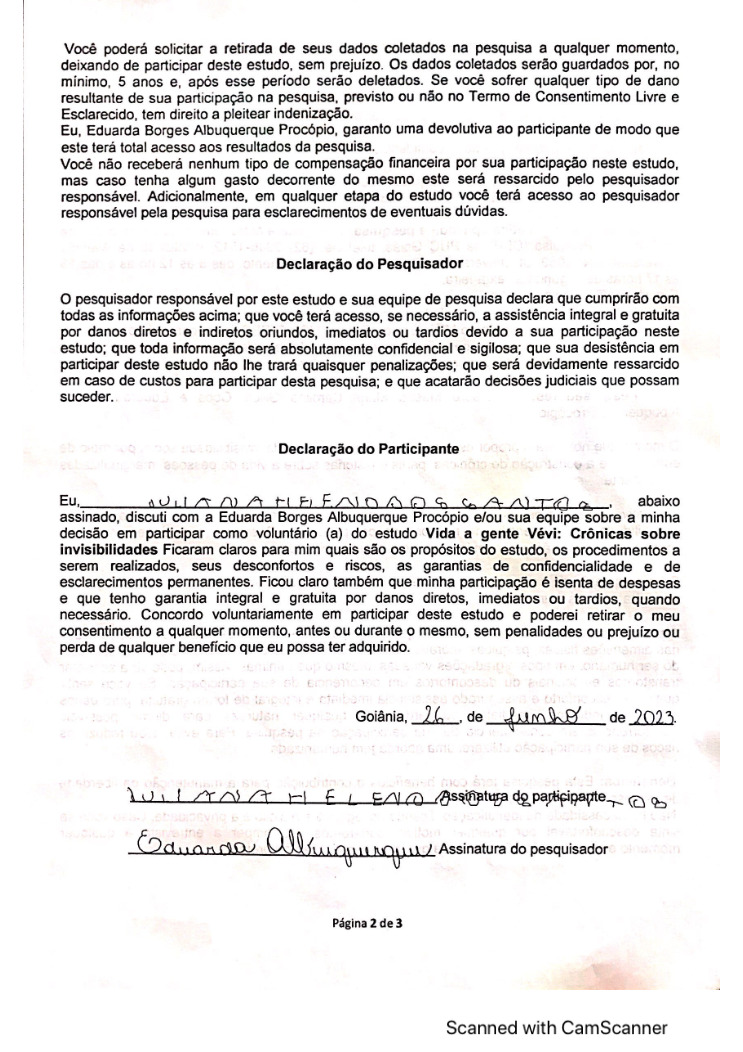
MEDINA, Cremilda. **Entrevista** - O diálogo possível, 2011, p. 1.

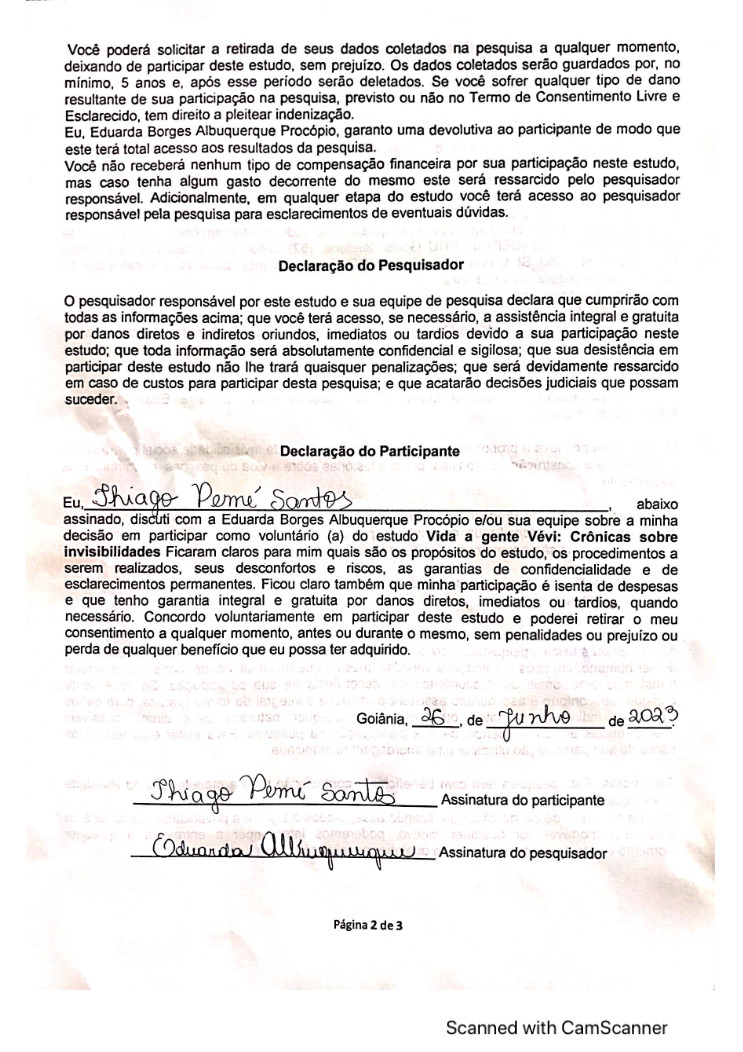
MUSSE, Christina Ferraz; MUSSE, Mariana Ferraz. **A entrevista no telejornalismo e no documentário: possibilidades e limitações.** In: Rumores, São Paulo, v. 4, n. 8, 2010.

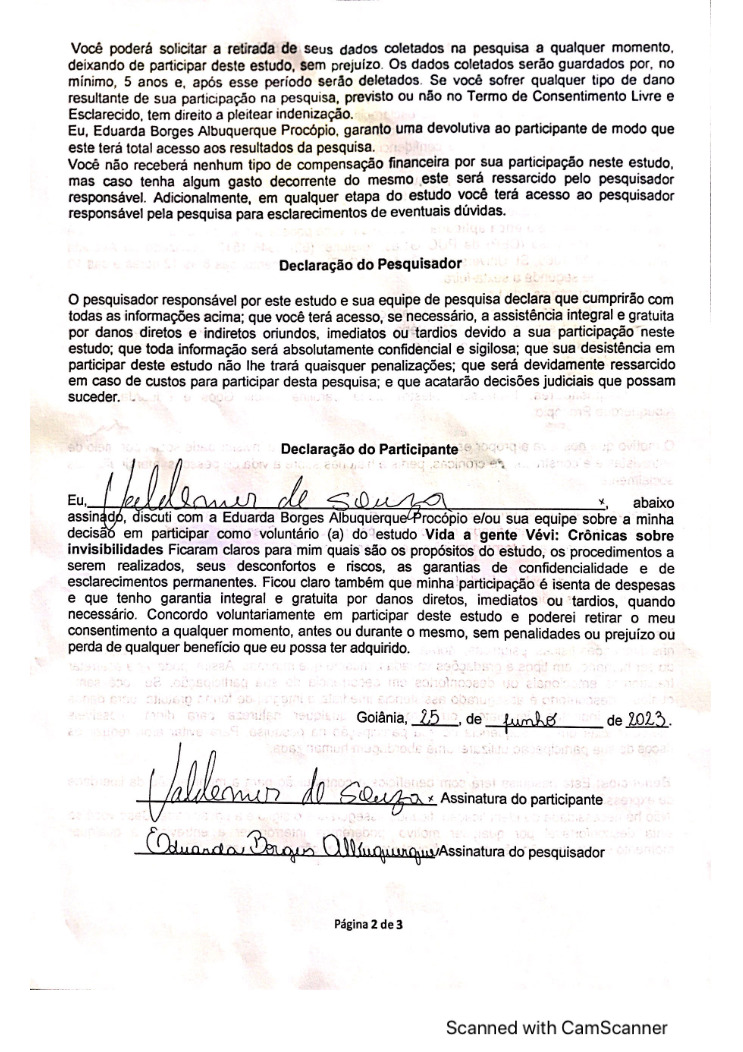
ROUSSEAU, Jean Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**, 1754.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **O contrato social e outros escritos,** 1762.

****

****

****

****